

Ano I — Nº 1 — Julho de 1984



JORNAL

INDÍGENA

Uma Publicação da União das Nações Indígenas-UNI



Edição dedicada à Vitória do Povo Xocó!

Fazendeiros e pistoleiros fazem ataque e matam um índio. Mais 3 índios ficaram feridos a bala. Índios Kiriri estão sofrendo muita perseguição.

Os índios Krenak, Maxakali e Xakriabá, do estado de Minas Gerais, estarão realizando o seu 1º Congresso nos dias 26 e 27 de julho, em Belo Horizonte.

Editorial

UNIÃO DAS NAÇÕES INDÍGENAS — UNI

A união entre os índios é necessário, porque somos muito avistados pela civilização. Hoje, somos 200.000. Somos somente 150 tribos e, mais ou menos 135 falam o seu próprio **idioma**.* Será que os antepassados eram tão poucos assim? Olha, não é assim não! Somente na costa ou seja, por onde começa o oceano Atlântico, morreram uns cinco milhões e outros tantos nos rios da região norte. Eles morreram combatendo contra os invasores da terra, morreram de doenças e outros de fome, quando eram **aprisionados**.* Os colonos portugueses eram bárbaros, porque **escravizavam*** e não tinham o mínimo respeito pelos nossos antepassados. Olha só! Já perdemos muita gente, sem dúvida, mais de dez milhões. E hoje? Como é que estamos? Ainda o roubo de terras, os **combates*** em alguns lugares e morte de líderes continuam. Portanto, o **colonialismo*** ainda não acabou, e pelo contrário, o perigo aumentou mais. O nosso primeiro "Jornal do Índio" — explica como são os perigos contra as populações indígenas e, quem não crê,* pode ler e comentar.

Diante de fatos como esses, os índios não podem mais calar-se e nem cruzar os braços diante dos invasores. Foi por isso, que os índios se encontraram pela segunda vez, em Brasília, para conhecer outros companheiros que têm mais experiência ou até mesmo pelos seus direitos. As tribos que já têm suas terras demarcadas podem estar certas que, muitos outros grupos não têm a garantia, e por isso, lutam como podem para sobreviverem. A situação dos índios nordestinos, como no caso dos Pataxó, é muito triste. Hoje eles sofrem, porque o conjunto dos fazendeiros os **ameaçam*** com seus **jagunços*** e, covardamente pagam aos pistoleiros para matar os índios. O índio é o mais sofredor, porque ele luta pelos seus direitos, porque sabe que alguns funcionários da FUNAI não prestam para trabalhar junto a comunidade. Sabe por que e

quando eles não prestam? Porque eles não têm compromisso e não entendem de índios e, logo pensam que estão ali para mandar. Mas, não é assim não. Qualquer funcionário da FUNAI é pago pelo governo para proteger e dar assistência ao índio. Portanto, os índios devem exigir dos funcionários e outros superiores, também funcionários, que estão nos gabinetes de Brasília, que vivem às custas da gente. Os brancos não explicam essas coisas; eles escondem sujeiras.

Portanto, temos a União das Nações Indígenas — UNI para corrigir a má administração de alguns funcionários. A UNI existe, porque existe o índio e foi criado por ele. Hoje, a UNI tem 46 membros conselheiros nas bases de diversas tribos. Não podemos dizer que a UNI não existe, porque ela está onde está o índio. Temos que fazer a nossa história. Cada tribo tem que fazer sua história. Eis a UNI.

ÁLVARO TUKANO

VOCABULÁRIO: Editorial — UNI

Vocabulário: *O que quer dizer cada palavra.*

Idioma: *É a língua que cada povo fala.*
Aprisionar: (*Aprisionado*): *Prender uma pessoa ou prender um avião ou balsa, não deixar sair.*

Escravizar: (*escravizavam*): *É quando o branco manda o índio trabalhar mas não paga nada, não respeita o índio.*

Combate: *É a mesma coisa que luta, briga.*

Colonialismo: *É quando o civilizado quer mandar na nossa terra e mudar a nossa língua e o nosso costume, nosso jeito de viver.*

Crer: (*crê*): *Acreditar*

Ameaçados: *Quando o branco diz que vai invadir a nossa terra, ele está ameaçando a gente. Quando uma pessoa ameaça o índio, essa pessoa não quer o bem do índio.*

Expediente:

Edição: Ailton Krenak
Redação: Alvaro Tukano; Catarina Guarani
Uma publicação da Coordenadoria Regional Sul
UNI — União das Nações Indígenas
Rua Caiubi, 126 — Perdizes — 05010 — São Paulo

Viva a Ilha de São Pedro!

O Povo Xocó está em festa! No dia 27 de junho, o governador de Sergipe, João Alves e o presidente da Funai Jurandy Marcos da Fonseca, assinaram a escritura de transferência da Ilha de São Pedro, onde vivem os Xocó, no Rio São Francisco. Por disposição de lei estadual o Estado de Sergipe passou a Ilha de São Pedro para o Patrimônio da União*.

Essa é uma luta que o povo Xocó vem fazendo a muitos anos, agora venceram.

Desde o tempo do Império, que os Xocó estão lutando pelas suas terras que foram invadidas pela família Britto.

Essa família ocupou as terras indígenas, botou fazendas lá dentro. Arrumou documentos dizendo que as terras não são dos Xocó. E foi preciso muita luta para retomar a parte de terra que é a Ilha de São Pedro.

Mas as terras dos Xocó não é só a Ilha. A mesma família já invadiu outra área dos Xocó. Essa área se chama Caiçara.

A Caiçara é uma terra que tem uma légua em quadro. Terra muito boa para fazer roça. Foi invadida pela família Britto, igual fizeram na Ilha.

Agora que os Xocó retomaram a Ilha, vão poder reconstruir a sua vida. Mas a Ilha não dá para garantir a sobrevivência e todas as coisas que os Xocó precisam. Por isso eles estão decididos a começar novo trabalho, agora para retomar as terras da Caiçara.

A Ilha e a Caiçara são terras do povo Xocó. Eles nunca pararam de lutar por esse direito. Mesmo quando tiveram que ficar a custo de muita fome e dificuldade. Sofrendo todo tipo de perseguição.



... "não tivemos medo porque ficamos para garantir a terra."

Em 1979, quando os Xocó entraram para retomar a Ilha, eles ficaram cercados de jagunços. Até a polícia lá da região foi dentro da Ilha fazer ameaças. Diziam que iam prender todo mundo. Jagunços do fazendeiro davam tiros nos índios. Gado do fazendeiro entrava na roça e acabava com toda a plantação.

Tudo isso o povo Xocó enfrentou e nunca abandonou a luta pela sua terra. Viva a Ilha de São Pedro! Viva o Povo Xocó!

Nessa luta pela terra, o Povo Xocó teve o apoio dos companheiros do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. O Bispo de Propiá esteve sempre junto, dando muita força, juntamente com o pessoal da Comissão Pró-Índio de São Paulo, Comissão Pró-Índio de Sergipe, e todos os povos indígenas do Brasil, através da União das Nações Indígenas.

Viva a Ilha de São Pedro! Viva o Povo Xocó!

Vocabulário: O que quer dizer cada palavra.

Patrimônio da União: As terras indígenas são garantidas pelo governo para os índios. A União é mesma coisa que o governo federal, daí quando uma área é reconhecida como terra do índio ela fica no Patrimônio da União. Nenhuma outra pessoa pode pegar essa terra que está em nome dos índios.

A Importância da Comunicação

A importância de comunicação

Veja só como é bom saber e valorizar a nossa língua. O branco que vive no Brasil, pelo menos a maioria, pensam que só existe a língua portuguesa, e, logo parece ser que esta seja o verdadeiro idioma do brasileiro. Segundo o último senso temos mais de 125 milhões de habitantes no Brasil. Pergunta-se: será que todos falam somente o português? Não é nada! Aqui no Brasil existem muitas línguas de outros países que falam inglês, o espanhol, francês, o japonês, chinês e até russo. Existem no Brasil as tribos de brancos que vieram da Europa e Ásia e, que falam sem nenhum medo ou vergonha na sua própria língua. Em muito colégio ensina-se as línguas de estrangeiros, geralmente dos países mais industrializados*. Essas coisas são perigosas para vida do índio, principalmente, quando não sabemos nada de nossa cultura. Assim acaba um povo, não fica ninguém para defender a terra. Logo a terra passa em mãos de outras pessoas que não eram donos, e, estas passam ser ricas e começam lotear* para explorar* a outros brancos que não têm muita vez. Por que isso acontece? Veja bem; no Brasil temos colônias* japonesas, de alemães, de poloneses e, em outras vezes, aparecem seitas religiosas* como Santa Cruz (Acre), Instituto Lingüístico de Verão em muitas áreas indígenas, também as Novas Tribos na Amazônia, **budismo*** e até **islamismo***. Geralmente, as colônias têm seus jornais em sua própria língua, portanto, fácil de compreender quando se trata de algum assunto importante para tribo. Agora, as seitas religiosas do mundo dos brancos, por muitas vezes, confundem e atrapalham a vida do índio. Isso está errado. Veja só que diz a Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada a 10/12/1948 pela Assembléia Geral das Nações Unidas (ONU), o Brasil faz parte dos países signatários. **Art.II. TODO HOMEM TEM CAPACIDADE PARA GO-**

ZAR OS DIREITOS E AS LIBERDADES ESTABELECIDAS NESTA DECLARAÇÃO, SEM DISTINÇÃO DE QUALQUER ESPÉCIE, SEJÁ DE RAÇA, COR, SEXO, LÍNGUA, RELIGIÃO, OPINIÃO POLÍTICA OU DE OUTRA NATUREZA, ORIGEM NACIONAL OU SOCIAL, RIQUEZA, NASCIMENTO OU QUALQUER OUTRA CONDIÇÃO.

Bem, para muitos brancos essa declaração funciona e, para outros não. Veja bem como é intransigente a língua do branco; está nos livros, nas rádios e TV. Então, temos que defender a nossa língua, o nosso povo, a nossa terra que é mais importante do que o próprio dinheiro. Defender a terra significa: amar a liberdade, viver com autonomia,* ter a paz ou buscá-la quando preciso por mais que esta nos custe. Para isso é preciso a união de líderes e membros de qualquer comunidade indígena. Todos devemos defender a coletividade por uma terra...

Vocabulário: *O que cada palavra quer dizer.*

Industrializado: *Que tem indústrias, fábricas com muitas máquinas trabalhando.*

Lotear: *Dividir a terra em pedaços ou lotes pequenos.*

Explorar: *Tirar as riquezas. Quando o branco explora a terra, ele procura ouro, petróleo, vende a madeira, mata os bichos, etc.*

Colônias: *Quando o branco chega e faz uma "aldeia" só com o povo dele. Por exemplo: japonês, alemão. Fica morando num lugar só. Isso é uma Colônia.*

Seitas Religiosas: *Religião dos brancos. Eles têm muitas: católicas, batistas, assembléias de Deus, budismo, islamismo...*

Budismo e Islamismo: *Duas seitas religiosas.*

Intransigente: *Ser intransigente é não querer conversar, não dar lugar para as idéias, costumes ou línguas dos outros.*

Autonomia: *A gente vive com autonomia quando nós vivemos da nossa terra, resolvemos os nossos problemas e não dependemos dos "presentes" dos brancos.*

Nossa Visita aos Maxakali

MAXAKALI: NOSSA VISITA AOS MAXAKALI

A UNI-Regional Sul recebeu uma carta enviada pelo povo Maxakali, que vive no Vale do Mucuri em Minas Gerais. Nesta carta eles estão denunciando as pressões que vêm sofrendo dos fazendeiros e políticos da região.

Em agosto do ano passado, três representantes do povo Maxakali, foram a Brasília se encontrar com o deputado Mário Juruna. Foram **denunciar*** os assassinatos e **agressões*** contra seu povo. São **perseguidos*** por vaqueiros, empregados das fazendas entre as áreas de Pradinho e Água Boa.

Pra acabar com estes assassinatos e perseguições eles pediram ao governo a devolução das terras que ficaram fora da demarcação de 1940. Estas terras fazem parte do território tradicional dos Maxakali. A devolução destas terras significa a ligação dos dois postos indígenas: Pradinho e Água Boa.

Até o momento nenhuma providência foi tomada. A situação piorou muito e a região está assim:

- Polícia andando armada contra os índios

- **espancamento*** de índios e parentes pela polícia, igual no tempo da GRIN-Guarda Rural Indígena, criada pelo capitão Manoel dos Santos Pinheiro, que ainda manda na polícia e nos políticos da região e é um dos invasores de terra indígena.

- Dois **processos*** contra os índios, na cidade de Águas Formosas: dezenove índios estão sendo acusados de roubo de gado.

- O assassino José Rolinha, empregado dos fazendeiros, que matou o índio Alcides Maxakali — continua solto e fazendo ameaças. Ele

mesmo já confessou o crime, cujo **inquérito*** foi arquivado em Belo Horizonte.

VISITA À ÁREA MAXAKALI

No dia 13/6/84 ficamos sabendo da prisão de 8 índios Maxakali na cidade de Águas Formosas, onde eles tinham ido fazer feira. Decidimos então, eu e o Álvaro Tukano, ir até lá. Quando chegamos nesta cidade, ficamos sabendo que o pessoal já tinha sido solto, depois de ficar dois dias na cadeia. Seguimos para a Aldeia Maxakali onde conversamos com os nossos companheiros. Eles contaram pra gente que os funcionários da Funai naquela Aldeia são contra eles. O Chico, chefe do PI. Água Boa, já andou até dando tiros em índios por lá. Um outro índio, filho do capitão, foi espancado por funcionários da Funai — fora da Aldeia, em uma cidade vizinha. Isso deixou o pessoal muito revoltado. E tudo isso foi agora, nestes últimos dias.

O povo Maxakali já vem sofrendo abusos há muito tempo: teve o assassinato do índio Alcides Maxakali, que até hoje não foi bem esclarecido. O assassino continua solto, fazendo ameaças na região. Ficamos sabendo que o processo deste crime foi **arquivado***. Vamos exigir, todos os índios do Brasil, que este caso seja resolvido. O processo tem que seguir em frente. Tem que descobrir o assassino.

Um brasileiro, que vive lá na aldeia, casado com índia Maxakali, foi preso e torturado pela polícia. Bateiram muito nele porque queriam que confessasse, que ele, junto com os outros índios, tinham roubado o gado dos fazendeiros que estão com fazenda dentro da área. Estes fazendeiros estão com pistoleiros vigiando os índios o tempo todo. Com os funcionários da Funai os Maxakali não podem contar. Eles têm apoio

do pessoal do Sindicato dos Trabalhadores Rurais: são trabalhadores sem terra, muito pobres, que sofrem nas mãos dos fazendeiros — que tomaram suas terras e estão querendo que eles saiam da região.

Outro apoio que os Maxakali estão tendo é do pessoal da Pastoral da Terra. Só que a pessoa que está lá trabalhando com eles, teve sua casa invadida e vasculhada por gente dos fazendeiros.

Tudo isso ficamos sabendo nesta visita ao povo Maxakali. Estamos muito preocupados. Precisamos nos unir e dar todo o apoio a este povo. A região onde vivem é muito isolada das outras áreas indígenas, temos poucas notícias de lá. Mas daqui para a frente vamos ficar atentos. Vamos lutar junto com o povo Maxakali. E como dizem na sua língua: **Patxip, Andirrik!** — que quer dizer: **Fora, invasores!**

Os Maxakali querem:

Nós ficamos de passar estas solicitações do povo Maxakali para o Deputado Mário Juruna, para a chefia de gabinete do presidente da Funai e se for o caso para o presidente da Funai.

Achamos que não pode continuar o desrespeito a este povo.

1 — Retirada dos fazendeiros de uma faixa de terra que separa as duas Aldeias: Pradinho e Água Boa.

Esta faixa de terra é passagem dos Maxakali de uma a outra aldeia ficou fora da demarcação de 1940, mas os índios sempre viveram lá, tanto que o cemitério ficou embaixo de uma das fazendas invasoras.

2 — Saída do Eustáquio, delegado da Funai de Governador Valadares. Ele nunca vai lá na área. Não fez nada para resolver o caso da morte do Alcides.

3 — Saída dos funcionários da Funai. Principalmente a troca do chefe do posto — Xico. O Xico chefe do PI. Água Boa já deu tiros em índios lá dentro, os Maxakali não gostam dele e querem sua saída urgente.

4 — Parar com os projetos lá dentro. O último foi uma coisa muito

ruim. Foi um projeto feito sem consultar a comunidade, acabou dando tudo errado. Os Maxakali ficaram numa situação pior do que antes. Acabaram se revoltando e expulsando o pessoal do projeto de lá.

5 — Fazer a colheita da semente de capim, sem interferência do chefe de Posto. Este ano eles perderam a safra de semente, responsabilizam o Xico por ter proibido que fizessem a colheita.

6 — Escola: precisam aprender a língua portuguesa para se defenderem.

VOCABULÁRIO — Maxakali

Vocabulário: *O que quer dizer cada palavra.*

Agressão: *Bater numa pessoa, xingar uma pessoa, invadir a casa de uma pessoa ou de uma comunidade.*

Denunciar: *Contar para as autoridades e para os jornais e para as entidades de apoio ao índio o que está sendo feito contra os índios, em qualquer lugar que eles estiverem.*

Perseguidos: *Fazer alguma coisa contra uma pessoa é o mesmo que perseguir, fazer maldade.*

Espancamento: *É a mesma coisa que bater muito.*

Processo: *É uma briga que a gente resolve com o juiz, com a ajuda de um advogado.*

Inquérito: *É uma parte que vem antes do processo e é feita na delegacia de polícia. É quando o delegado de polícia faz as perguntas sobre um crime que aconteceu.*

Arquivado: *É a mesma coisa que parado. As vezes começa um inquérito mas antes de virar um processo as autoridades param de trabalhar com ele. Daí o inquérito está arquivado, mas pode começar de novo.*





O Nosso II Encontro

Nosso movimento, mais o trabalho do Deputado Mário Juruna, nosso companheiro lá na Câmara dos Deputados, conseguiram mudar muita coisa este ano.

Desde o mês de novembro, quando Marçal Guarany foi assassinado pelos fazendeiros, nós resolvemos, junto com Juruna, chamar todos os índios do Brasil para uma grande reunião. Essa reunião foi nosso II Encontro de Lideranças — lá em Brasília.

Antes de começar nosso Encontro, o pessoal do Xingu já tinha começado uma luta. Tinham segurado a balsa que faz a passagem da estrada BR-80 no rio Xingu.

Os Mekranoti — que são chamados de Txucarramãe e que vivem lá no Xingu, mais os Suiá, Kaiabi, Trumai, Kamayurá e muitos outros povos, todos de lá do Xingu, queriam que acabasse as invasões naquela área.

Chamaram o presidente da Funai — Otávio Ferreira Lima, para ir lá conversar, numa reunião no Parque do Xingu, ele não foi. Só fez reunião com os fazendeiros, desrespeitando o pessoal que estava esperando ser atendido.

Tudo isso foi antes de nosso II Encontro de Brasília começar. Mas já era notícia. Quando a Funai ficou sabendo que estavam chegando muitos índios para este nosso Encontro, ficou com medo e mandou cercar o prédio com tropas da polícia.

Foi chegando representantes indígenas de todas as regiões do Brasil. Sem nenhum apoio da Funai, fizemos a nossa reunião. Ficamos lá em Brasília durante uma semana, reunidos. Demos apoio ao pessoal do Xingu que estava lutando. Quando terminou a reunião, cada povo voltou para sua área, para sua comunidade.



O pessoal do Xingu continuou sua luta lá no Parque. Depois de ver que o presidente da Funai não ia lá mesmo, seguraram os diretores da Funai, que foram lá no lugar do presidente. Seguraram o Lamartine, o Grossi e também o Sidney Possuelo. Todos funcionários importantes da Funai. O Ministro Mário Andreazza e Danilo Venturini — de Assuntos Fundiários, atenderam os pedidos do pessoal do Xingu.

O que os índios do Xingu queriam era: tirar o presidente Otávio Ferreira Lima. Queriam de volta uma faixa de terra que tinha ficado fora do Parque e também mudar o diretor do Parque do Xingu.

Os Ministros atenderam aos pedidos do pessoal do Xingu, pois estes pedidos foram apoiados por todas as tribos. Há muito tempo que estávamos pedindo a saída do Otávio.

Com a saída do Otávio, saíram muitos funcionários que só trabalhavam contra a vontade dos índios. Saíram alguns, ainda falta a mudança de muitos chefes de posto e outros funcionários.

As mudanças no Xingu foram

muito importantes para a nossa luta.

O novo diretor do Parque do Xingu agora é Megaron, sobrinho de Raoni — chefe dos Txucarramãe. Quer dizer, a direção do Parque agora está nas mãos dos índios do Xingu, através de Megaron. Porque foi todo mundo, lá dentro, unido, que conseguiu essa vitória.

A FUNAI AGORA FICOU ASSIM

Em Brasília, a Funai ficou com Marcos Terena como chefe de gabinete da presidência — é ele que deve atender aos representantes de cada povo que chega lá em Brasília, para resolver alguma coisa, e passar o assunto para o presidente da Funai.

O novo presidente, Jurandy Marcos da Fonseca — já trabalhava para a Funai há 14 anos e diz que a Funai é para servir ao índio.

Esta nova administração da Funai, sabe que as populações indígenas estão vigiando. Não basta mudar de pessoa. Precisa mudar o pensamento dos funcionários que trabalham com nosso povo.



O Nosso Encontro

O Nosso Encontro de Brasília, foi nos dias 2 a 5 de abril de 1984. Ficou com o nome de II Encontro de Lideranças Indígenas, e teve a **participação** de mais de 60 povos indígenas do Brasil. Tivemos, também, a presença de representantes indígenas da Argentina, Paraguai e Peru.

Os representantes do Peru vieram em nome de uma organização indígena, essa **organização** reúne todas os outros movimentos indígenas que existem na América do Sul e tem o nome de Conselho Indígena Sul América — CISA.

A maior parte do tempo da nossa reunião em Brasília, foi feita dentro do **Congresso Nacional**. O Deputado Mário Juruna esteve **coordenando** os trabalhos lá no Congresso, todos os representantes indígenas tiveram oportunidade de falar. Sentimos que nossos companheiros estão muito firmes na luta, decididos a lutar pela demarcação das terras e por melhor atendimento às comunidades indígenas.

Criado o Conselho Indígena

No último dia de nosso Encontro em Brasília, foi decidida a criação de um conselho, formado por um representante de cada povo. Esses conselheiros, indicados por suas comunidades, passariam a representar seu povo nas reuniões e assembleias da União das Nações Indígenas — UNI.

Hoje, este Conselho Indígena conta com 44 representantes e está aberto para aceitar **indicação** de representantes novos.

Alguns dos conselheiros, indicados no Encontro de Brasília, teriam seus nomes confirmados em reunião na sua aldeia, pela sua comunidade. Isso é muito importante, pois não deixa nenhuma dúvida sobre o apoio que tem de seu povo.

Se alguma comunidade quer indicar seu representante para membro do Conselho Indígena, deve mandar uma carta para a Regional Sul da UNI — Rua Caiubi, 126 - Perdizes - São Paulo, Cep. 05010 - com nome da pessoa escolhida pela comunidade.



Até o final do ano faremos uma reunião com todos os membros deste Conselho. Esperamos que até lá, muita gente já tenha indicado seu representante.

Esta é a lista com os nomes dos membros do Conselho Indígena eleito em nossa reunião de Brasília:

- 1 - Joventino Araújo - Fulniô, Pernambuco.
- 2 - Afonso - Xavante - Sangradouro, MT.
- 3 - Samado dos Santos - Pataxó, Bahia.
- 4 - Álvaro Silva Karipuna - representando os Galibi, Palikur e Karipuna do Juminá, Oiapoque e Kumarumã.
- 5 - José Ribeiro - Apinajé, Goiás.
- 6 - Aleixo Rodrigues - Krahô, Goiás.
- 7 - Manoel Celestino - Xucurú-Kariri, Alagoas.
- 8 - Augustinho Apinajé - Apinajé, Goiás.
- 9 - José Antonio - Tapirapé, Goiás.
- 10 - Nelson Saracura - Pataxó, Bahia.
- 11 - Manoel Eduardo Cruz - Tuxá, Bahia.
- 12 - Adalberto Ferreira da Silva - Tingui Botó, Alagoas.
- 13 - Raimundo Amorim - Guajajara, Maranhão.
- 14 - Francisco Luiz dos Santos - Kaingang, Paraná.
- 15 - Nicolau - Xavante, MT.
- 16 - Modesto Pereira (provisório) - Terena, MS.
- 17 - Sabino Lipu (provisório) - Terena, MS.
- 18 - Raimundo Pereira da Silva - Dico Sateré, AM.
- 19 - Lourenço Rondon - Bororo, MT.
- 20 - Antônio Tirió - Tirió, Pará.
- 21 - Juliano Pamaka - Bakairi, MT.
- 22 - João Martins - Caiwá, MS.
- 23 - Virgulino Bento - Guajajara, MA.
- 24 - Mario Cordeiro de Lima - Poiana, Acre.
- 25 - Vicente - Rikbtsa, MT.
- 26 - João Carvalho - Guarani, ES.
- 27 - Afonso Tsere'ru - Xavante, MT.
- 28 - Terencio Makuxí (provisório) - Makuxí, RR.
- 29 - José Ornilo Pereira - Guajajara (Grajáú), MA.



- 30 - Vicente Saboia - Kaxinauá, Acre.
- 31 - José Fernandes - Guarani, SP.
- 32 - Firmo Ferreira do Santo - Pataxó, Bahia.
- 33 - Clementes S. Tembê - Tembê, Pará.
- 34 - João Soares Monteiro - Kapinauá,
- 35 - Edson Monzilar - Paçeci, MT.
- 36 - José Sizenando - Tupiniquim, ES.
- 37 - João Batista de Oliveira - Krenak (provisório), MG.
- 38 - Carlos Karajá - Karajá, MT.
- 39 - Catarina D. dos Santos - Guarani (provisório), SP.
- 40 - Paulinho - Karajá - Ilha do Bananal, Goiás.
- 41 - Gerson - Xerente, Goiás.
- 42 - Mario Karaí - Guarani, Rio G. do Sul.
- 43 - José João dos Santos - Pancaruru, PE.
- 44 - Romildo Afonso da Silva - Guarani, MG.

— Estes foram os nomes indicados na reunião em Brasília, agora cada comunidade precisa confirmar. Escreva para nós e diga se mudou ou não.

Vocabulário: *O que quer dizer cada palavra.*

Participação: *Quando tem uma reunião e vai gente de muitas aldeias.*

Organização: *Quando muitas tribos se juntaram e escolheram representantes para o Conselho Indígena da UNI, estavam criando uma organização.*

Congresso Nacional: *Lugar onde trabalham os Deputados, junto com Mário Juruna.*

Coordenando: *Mesma coisa que chefiar com a participação de todos.*

Indicação: *Quando um povo escolhe o seu representante ele está indicando.*

Membros: *Cada índio de uma tribo é um membro daquele povo.*

I Congresso Indígena Mineiro

A regional Sul da UNI, recebeu comunicação da Comissão Organizadora do "I Congresso Indígena Mineiro" que estará se realizando, em Belo Horizonte, de 26 a 27 de julho.

A população indígena do estado de Minas: Maxakali, Krenak e Xakriabá, tem sofrido muito com as invasões de terras, perseguições e assassinatos. Esse Congresso, terá muita importância na busca de uma solução para estes casos. Pelo menos, será uma oportunidade de mostrar a população mineira, que é preciso buscar uma maneira de parar com as perseguições aos índios de Minas.



No próximo número de nosso "Jornal do Índio", estaremos dando mais notícias sobre esse "I Congresso Indígena Mineiro".

Notícias dos Guarani de Peruíbe

No dia 17 de abril de 1984, houve o assassinato do ex-cacique, Bento Samuel dos Santos-Guarani, após uma partida de futebol na aldeia, aqui em Perúibe.

A Funai, que foi informada do crime, deixou a enfermeira Conceição, que está substituindo o chefe de Posto, encarregada de acompanhar este caso. Até agora não foi tomada nenhuma providência, mais séria sobre o assassinato.

Na Aldeia de Perúibe, a situação é muito difícil, tem a falta de alimentos, remédios e principalmente de uma professora.

Depois deste crime contra o Bento Samuel, os índios pediram a presença do Deputado Mário Juruna e ele esteve na aldeia.

Na visita do deputado Juruna, todos os índios decidiram pedir a de-

missão do delegado Alvaro Villas Boas, que nunca fez nada de bom, para os guarani aqui do litoral, e agora resolveu também proibir os índios a voltarem para sua aldeia onde nasceram.

Um dos chefes de posto chegou a vender cacheta* existente na área, que até agora ninguém sentiu o cheiro de dinheiro e nem mesmo nenhuma melhoria em nossa área.

Os índios, agora resolveram lutar pelos seus direitos, com a nova chefia do Cacique Cesário.

No momento estamos informados de que Alvaro Villas Boas, já está para sair da delegacia de Bauru. Isso é uma parte de nossa luta.

Catarina Guarani
Representante do Conselho
Indígena Nacional.
Peruíbe — SP.



FAZENDEIRO MATA INDIO KIRIRI

Os índios Kiriri, na região de Mirandela, estado da Bahia, sofreram uma violência muito grande.

Um índio foi assassinado, mais 3 ficaram feridos, foram cercados por fazendeiros e pistoleiros que querem tomar suas terras.

Na Aldeia Kiriri, onde fizemos uma grande reunião no mês de outubro de 83, a situação está muito difícil.

O Cacique Lázaro Kiriri, sempre dirigiu a vida desta comunidade com muito cuidado, evitando começar briga com os fazendeiros. Desde que retomaram suas terras, que antes tinham sido invadidas pelos fazendeiros, os Kiriri têm sofrido muita perseguição.

Os invasores das terras Kiriri, nunca aceitaram sair em paz, e os que foram para fora, ficaram ali por perto. Continuam querendo invadir outra vez.

As autoridades da Funai, o governo do estado da Bahia, estão na obrigação de esclarecer esse caso. Estão com a responsabilidade de punir os assassinos, sob pena de se repetir massacres aos índios.

A Anaí-Bahia, Associação Nacional de Apoio ao Índio — está preparando uma grande manifestação lá em Salvador — Bahia, para denunciar esse crime. Vamos exigir a punição desses assassinos. Chega de invasões de terras indígenas! Chega de assassinatos!

Notícias dos Kaingang

Os Kaingang do Paraná, fizeram uma reunião muito importante no dia 26 de junho. Foi uma reunião para falar do caso do Ximbandue. Nessa área os índios estão tendo muitas ameaças.

Muitas famílias de *colonos* estão dentro da terra dos índios. Não deixam os índios fazerem roça.

Há dois anos, uma comissão dos índios Kaingang, levou uma carta ao presidente da Funai, em Brasília, para resolver essa *questão*. Só que até hoje nada foi feito, os índios estão numa situação de muita *miséria*.

Nessa reunião, que foi feita agora, com a presença de Alvaro Tukano, representante da UNI-Sul, os Kaingang deram um *prazo** para a Funai resolver a retirada dos colonos. É a segunda vez que dão prazo para a Funai.

Contando 30 dias, de cinco de julho a cinco de agosto eles vão esperar uma *solução* da Funai. Se nada for feito eles mesmos vão decidir a *q u e s t ã o*.

O que os Kaingang do Toldo Ximbandue, estão pedindo, é que seja garantido o seu direito de viver em paz, querem sua área desocupada pelos colonos. Essa área é de dois mil *hectares*.

A Delegacia da Funai, em Curitiba, enviou um funcionário lá, isso não resolveu nada. Os Kaingang exigiram a presença do delegado, e que seja uma presença para resolver o caso. Já falaram que se for só para fazer promessa, não precisã ir.

O delegado disse que no dia 04 de julho, vai conversar com o pessoal. Vamos todos aguardar essa visita e exigir uma solução.



Vocabulário: *O que quer dizer cada palavra.*

Colono: *O civilizado que faz uma roça com a família dele ou junto com outras famílias.*

Questão: *É a mesma coisa que problema ou assunto.*

Miséria: *É a mesma coisa que pobreza; quando não temos terra, nem comida, nem remédios, estamos na miséria.*

Prazo: *Quando nós dizemos quantos dias vamos esperar para resolver uma coisa. Isso é um prazo.*

Solução: *Quando nós resolvemos um problema, nós achamos uma solução.*

Hectare: *Um hectare é igual a dez mil metros quadrados. Por exemplo: a terra dos Pataxó Hã-Hã-Hã, lá na Bahia, é de 36 mil hectares, só que ela está invadida.*

A LUTA DOS APIAKÁ

Em 1975 foi demarcada a Reserva Indígena Apiaká para nós, o que foi executado pela firma PLANTEL. Apesar disso, sempre foi terra ocupada por nós, além da Reserva, uma área de terra para baixo, e outra para cima, acompanhando o Rio dos Peixes. Para baixo já está ocupada pela AGROTEP, que inclusive tentou, anos atrás, tomar o Salto do Córrego das Pedras. Mas não se realizou isso. Para cima sempre continuamos a fazer exploração da seringa, a pescar no rio até acima das cachoeiras, a tirar flechas (taquara) na sua margem direita na altura do Salto. Esta área para cima é solicitada desde 1978 para ser incluída na Reserva, pois por lei, a área de nossa ocupação nos pertence. Apenas queremos o reconhecimento oficial, o que nos foi garantido por lei (Estatuto do Índio, art. 17). Diversas vezes cobramos o que foi denominado como área de ampliação. Em 1982 expulsamos um invasor, um tal de Cuiabano, que não retornou. No final do mesmo ano chegou aqui uma equipe do DGPI para fazer o levantamento da situação. Não vimos nenhum resultado até agora. Desde o ano de 1983 sofremos a ameaça de construção de uma Usina Hidrelétrica, aqui no Rio dos Peixes, violando um lugar de importância muito grande para nós, que é o Salto. Em conjunto com os Kayabi, fizemos acordo com a CEMAT e a firma empreiteira — Andrade Gutierrez — para que fosse garantida a área de ampliação antes da construção da UHE. Vemos apenas um levantamento incompleto, feito por um agrimensor, e não observamos nenhum resultado e mesmo não vemos interesse nos responsáveis pelo acordo. No dia 1º de julho de 1984 fomos lá para afixar placas de indiquem a divisa superior (leste) da nossa Reserva, além de fazer uma picada demarcatória inicial, da beira em direção ao centro. Redescrevemos os limites da nossa Reserva da seguinte maneira, o que pode ser acompanhado no croqui anexo: A divisa parte da embocadura do Córrego das Pedras e segue o mesmo córrego

até suas cabeceiras, donde parte uma linha seca, reta em direção paralela ao Rio dos Peixes, até alcançar um ponto num córrego que dista 27 km de sua barra, e desemboca logo abaixo (uns 400m) da Cachoeira dos Bancos ou Cachoeira do Buriti, desse ponto, a 27 km a divisa acompanha o córrego, até a uns 3 Km da beira do Rio dos Peixes, de onde segue uma linha seca de sua margem esquerda que liga à margem direita do Rio, uns 300m acima da barra do córrego, ao pé da referida cachoeira, e desse ponto segue acompanhando o Rio dos Peixes abaixo, até a barra do Córrego das Pedras. O Córrego das Pedras faz limite a Oeste e Noroeste com a fazenda AGROTEP; o Rio dos Peixes une a Reserva Indígena Apiaká (margem direita) com a Reserva Indígena Kayabi (margem esquerda). No dia 1º de julho de 1984, pois, fomos até o pé da Cachoeira do Buriti e de lá iniciamos uma Picada (linha seca), de mais ou menos 5m de largura, até alcançarmos a uns 2,5 Km a margem esquerda do córrego que tem sua barra uns 400m abaixo a dita cachoeira. Tanto na beira, como na margem do córrego afixamos uma placa com os dizeres: MINTER - FUNAI // RESERVA INDÍGENA APIAKÁ // ENTRADA PROIBIDA, e na margem do córrego ainda acrescentamos: "o limite segue pelo córrego até uma distância de 25 Km".

Solicitamos o reconhecimento oficial e respeito da terra que nos pertence.

Solicitamos ainda, voltamos a insistir para que sejam conservadas as condições de água limpa, água para peixe viver e criar do Rio dos Peixes, que está ameaçado por construção de uma destilaria de álcool, próximo às margens do Rio, na região de Tapaiuna.

Sendo o que tínhamos a comunicar, subscrevemo-nos atenciosamente

Mairob, dia 08 de julho de 1984
Reserva Indígena Apiaká

A LUTA DOS APIAKA



Foto: E. M. Andrade

Ilha de São Pedro
Brasil - S. I.

XOCO

...“não tivemos medo porque ficamos para garantir a terra.”
Comissão Pró-Índio de Sergipe.